

Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda

Luís de Brito

A periodização que se segue tem como objectivo dar uma visão geral da evolução da economia moçambicana e situar a indústria no contexto desse desenvolvimento histórico. Uma das conclusões que se pode tirar desta visão panorâmica é que, mais de um século depois da partilha de África na Conferência de Berlim e de 35 anos de independência, a economia moçambicana apresenta ainda um padrão de tipo colonial, tendo como traço dominante a exportação de matérias-primas e recursos naturais.

Formação da Economia Colonial: Indústria de Exportação (agro-indústrias)

O primeiro período, desde os finais do século XIX até ao fim da segunda guerra mundial,¹ é caracterizado por duas dinâmicas paralelas: por um lado, a integração de Moçambique na economia capitalista regional cujo centro é a indústria mineira sul-africana (que se desenvolve a partir da segunda metade do século XIX com a descoberta de diamantes e ouro na região do Transvaal), e, por outro, a relação clássica das economias coloniais, que faz de Moçambique fornecedor de matérias-primas para as indústrias metropolitanas.²

Neste período, desenvolvem-se as agro-indústrias viradas para a exportação, nomeadamente do açúcar, algodão, copra, madeiras, sisal e chá, que em princípios dos anos 1940 representam dois terços do valor total das exportações de Moçambique. Existe ainda um pequeno sector industrial de bens de consumo para o mercado interno, nomeadamente no ramo alimentar, dos sabões e óleos. No que se refere à indústria extractiva, deve-se registar que nesta fase e até quase ao fim da época colonial ela é marginal,³ resumindo-se a pequenas explorações de sal, ouro, pedra para construções e mármore. Porém, a característica principal da economia moçambicana, que vai marcar todo o período colonial, é a sua orientação para uma economia de serviços ferro-portuários dirigidos para os países vizinhos (a África do Sul, mas também a Rodésia e a Niassalândia) e de trabalho migratório (particularmente importante nas regiões do Sul do Save), sectores cujas receitas permitem um certo equilíbrio na balança de pagamentos, dado que a balança comercial é sistematicamente deficitária.⁴

Economia Colonial Tardia: Indústria de Substituição de Importações e Bens Intermediários

O segundo período, que se estende desde a segunda metade dos anos 1940 até à indepen-

dência, é caracterizado pelo desenvolvimento de indústrias de substituição de importações e de bens intermediários destinados ao mercado interno moçambicano.⁵ Este desenvolvimento está intimamente ligado à opção tomada pelas autoridades coloniais de promover a emigração portuguesa para as colónias e de construir o chamado "espaço económico integrado português".⁶ Com o crescimento da população colona, desenvolve-se um mercado interno e, com este, um crescente sector industrial de bens de consumo (bebidas, produtos alimentares, têxteis e vestuário, etc.) e de bens intermediários (principalmente cimento, produtos da refinação de petróleo, tintas, produtos metalúrgicos e material para os caminhos de ferro). Assim, a estrutura da produção industrial que era ainda no início dos anos 1950 dominada pelas indústrias de exportação, que representavam 60% do valor da produção, contra 40% para as indústrias destinadas ao mercado interno, encontra-se invertida nas vésperas da independência, tendo passado estas últimas a representar 60% do valor da produção industrial total. Para além desta inversão da posição das indústrias, é de sublinhar que o caju, que se vai tornar o principal produto de exportação deste período, deixa de ser exportado em bruto (castanha) para dar lugar a um sector industrial relativamente importante, nomeadamente do ponto de vista da sua distribuição geográfica e do emprego, passando a maior parte deste produto a ser processado antes da exportação (amendoa). No sector da indústria extractiva, que continua marginal, é de notar o início da prospecção de petróleo e da exploração do carvão de Moatize no final dos anos 1940 e princípios da década seguinte, assim como a descoberta de gás natural em Inhambane nos anos 1960 (mas que não é explorado nessa altura).⁷ Em termos de exportações, os seis produtos agrícolas do período anterior mais o caju ainda continuam a representar no final do período colonial cerca de dois terços do valor total.

Independência: Colapso Económico e Economia de Ajuda

O terceiro período, da independência até ao momento em que as primeiras eleições multipartidárias confirmaram o fim do conflito armado e deixaram antever uma situação de estabilidade política, é um período de colapso económico, ou seja, de crise profunda da economia resultante de vários factores, nomeadamente do impacto da descolonização, do conflito com os poderes

"brancos" da região e da guerra civil. O primeiro factor de crise foi a saída do país da grande maioria dos colonos, incluindo a quase totalidade dos gestores e quadros qualificados, o que desarticulou todo o sistema produtivo nacional. O segundo factor foi a confrontação com os regimes da Rodésia e da África do Sul que resultou numa queda brusca e importante do rendimento dos serviços, que tradicionalmente permitia o equilíbrio da balança de pagamentos. O terceiro factor foi o prolongamento do conflito regional numa guerra civil, que a partir dos anos 1980 atingiu a totalidade do território, impediu o funcionamento normal da economia e provocou imensa destruição humana e material. Todos estes factores agiram no contexto de uma política de inspiração marxista-leninista, que procurava estabelecer uma economia planificada onde o Estado devia desempenhar um papel central, o que por si só criava uma situação problemática, agravada ainda mais pela falta de quadros qualificados. No entanto, desde cedo, o colapso económico do país levou a negociações com o FMI e Banco Mundial, à adesão de Moçambique a estas organizações (1984) e a um processo de liberalização económica, que produziu poucos efeitos devido à situação de guerra, tendo o país passado a viver essencialmente da ajuda externa. É neste período que se inicia a exploração intensiva e exportação de um recurso natural, o camarão, cuja extracção não era afectada pela guerra, o que fez dele o principal produto de exportação a partir de meados dos anos 1980 até finais dos anos 1990. Este é um período que se pode considerar de "desindustrialização" na medida em que uma parte da produção industrial desapareceu, ao mesmo tempo que as indústrias sobreviventes registam baixos níveis de produção.

Recuperação Económica: Economia de Ajuda e Indústria de Exportação (indústrias de recursos naturais)

O quarto período, que se iniciou com a perspectiva de estabilidade aberta pelo acordo de paz e pelas primeiras eleições multipartidárias, é caracterizado por uma recuperação económica baseada no desenvolvimento de actividades extractivas de recursos naturais para exportação. Embora haja alguns sinais de desenvolvimento de indústrias de substituição de importações e de bens intermediários, a dinâmica principal é de novo a da indústria de exportação, mas agora de recursos naturais não agrícolas.⁸ Para além do camarão, passam a ter destaque como principais

produtos de exportação o gás e as madeiras, havendo grandes projectos em curso para a exploração do carvão e de areias pesadas, para além de continuar a prospecção de petróleo. Não considerando o alumínio que representa por si só à volta de 60% do valor das exportações moçambicanas, os produtos energéticos (gás e electricidade), o camarão e as madeiras contribuem actualmente para mais de metade do valor das exportações moçambicanas. Ao mesmo tempo, apesar de uma certa recuperação, o sector de serviços não consegue equilibrar a balança de

pagamentos como no passado e o Orçamento do Estado continua a depender fortemente dos fundos provenientes da ajuda externa.

A consolidação de uma economia de renda, inaugurada no período anterior com a exploração intensiva do camarão, parece ser a tendência principal do desenvolvimento actual da economia moçambicana; uma economia de renda que não se baseia simplesmente na exploração de recursos, mas tem a particularidade de depender ainda de uma outra "renda", a ajuda externa.²

A análise esboçada com esta periodização ofere-

ce um ponto de partida e de discussão para uma necessária investigação mais aprofundada sobre as tendências actuais de evolução da economia moçambicana, que não é certamente linear nem isenta de contradições, e sobre os desafios que se colocam ao desenvolvimento do país, dados os diferentes – e por vezes conflituais – interesses sociais e económicos que nele coexistem.

- Alguns autores consideram uma periodização diferente, com um período distinto a partir de 1928 até 1945, correspondendo à ascensão de Salazar ao poder e ao estabelecimento do Estado Novo, marcado por uma ideologia de nacionalismo económico. Porém, em Moçambique, a influência das dinâmicas induzidas pelo capital estrangeiro não foi praticamente alterada, nem sofreu nenhuma modificação a estrutura económica da colónia, pelo que não parece haver base suficiente para se considerar que então se inicia um período diferente.
- Diz-se metropolitanas porque, dada a fraqueza do colonialismo e o baixo nível de desenvolvimento industrial português, só uma parte das exportações de matérias-primas (o açúcar e o algodão) têm como destino Portugal. Os restantes produtos de exportação, como a copra, o sisal, o chá e as madeiras, destinam-se principalmente, quando não exclusivamente, ao mercado internacional.
- Em 1942, a indústria extractiva representava apenas cerca de 2% do valor da produção industrial total.
- As receitas em divisas do sector de serviços viriam a ser reforçadas na década 1960 e até à independência pelo grande desenvolvimento do turismo (proveniente essencialmente da África do Sul e da Rodésia).
- Também aqui se considera, em geral, que o início dos anos 1960 marca um novo período. No entanto, ainda que haja nessa altura importantes modificações de ordem política e social, centradas na abolição do regime de indigenato e no desenvolvimento das lutas armadas de independência na Guiné, Angola e Moçambique, há um *continuum* no processo económico moçambicano. Os acontecimentos acima referidos provocaram a aceleração de tendências económicas anteriores, mas não parece que tenha havido propriamente uma modificação na orientação ou estrutura da economia.
- De acordo com esta política, as colónias passaram a ser oficialmente consideradas "províncias ultramarinas" desde 1951 e, a partir de 1953, o governo português adoptou os chamados "Planos de Fomento", particularmente virados para o desenvolvimento das infra-estruturas.
- Em 1970, dois terços da produção destinava-se ao mercado interno e as restantes pouco mais de 100 000 toneladas eram exportadas para o mercado internacional.
- Num claro retrocesso, a indústria do cajú foi praticamente desmantelada durante os anos 1990, passando a ser dominante no sector a exportação da castanha não processada.
- O conceito de Estado rendeiro (*rentier state*) e de economia de renda suscita grande debate. A sua utilização aqui remete para uma economia que se caracteriza por um processo de acumulação sem desenvolvimento, largamente baseada na exploração intensiva de recursos naturais (minerais e outros) não – ou dificilmente – renováveis e num contexto em que o Estado tem a capacidade de obter uma parte significativa das suas receitas sem recurso à fiscalidade, o que fragiliza a sua responsabilidade em relação aos cidadãos. No caso de Moçambique, a ajuda parece desempenhar um papel fundamental neste processo.

Quadro I—Periodização da Economia Moçambicana

1895	1905	1915	1925	1935	1945	1955	1965	1975	1985	1995	2005	2015
INDÚSTRIA DE EXPORTAÇÃO (AGRO-INDÚSTRIAS) ESTRUTURAÇÃO DA ECONOMIA MOÇAMBICANA MODERNA (INTEGRAÇÃO REGIONAL) Portos e caminhos de ferro Trabalho Migratório												
INDÚSTRIA DE SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES E DE BENS INTERMEDIÁRIOS												
COLAPSO ECONÓMICO Crise da economia colonial Confrontação regional Guerra civil												
1942 2/3 do valor das exportações = algodão, açúcar, copra, madeiras, sisal e chá												
1955 Mercado Ext. 60% Mercado Int. 40%												
1960 73% do valor das exportações = algodão, açúcar, copra, sisal, chá e madeiras												
1973 66% do valor das exportações = açúcar, cajú, algodão, copra, madeiras chá e sisal												
1995 (valor exportações) Camarão 45% Madeira 6% Algodão 12% Cajú 6% Açúcar 4% Copra 4% Total 76%												
INDÚSTRIA DE EXPORTAÇÃO (INDÚSTRIAS DE RECURSOS NATURAIS)												
2005 Mercado Ext. 76% Mercado Int. 24%												
2005 (valor exportações) Alumínio 59% Gás (+Elect) 14% Camarão 5% Madeira 2% Total 80%												
AGRO-INDÚSTRIA COPRA, SISAL, AÇÚCAR, ALGODÃO, CHÁ, MADEIRAS, CAJÚ SABÃO, ÓLEOS												
SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES CAJÚ, BEBIDAS E OUTRAS IND. ALIMENTARES, TÊXTEIS E VESTUÁRIO CIMENTO, DERIVADOS DO PETRÓLEO, FERRO E AÇO, MATERIAL DE CAMINHOS DE FERRO												
"DESINDUSTRIALIZAÇÃO"												
INDÚSTRIA EXTRACTIVA RESIDUAL OURO, SAL, PEDREIRAS, MÁRMORES												
INDÚSTRIA EXTRACTIVA CRESCENTE PEDRAS SEMI-PRECIOSAS, BAUXITE CARVÃO ? GÁS AREIAS PESADAS ? PETRÓLEO ?												
CARVÃO descoberta de gás pesquisa de petróleo												
ECONOMIA DE SERVIÇOS												
CRISE												
ECONOMIA DE RENDA												